

OLHARES DOCENTES

As principais descobertas e reflexões trazidas a partir do primeiro módulo, bem como as vantagens de se trabalhar a literatura indígena na escola¹

Daniel Batista Lima Borges
Docente de Português e de Literatura
Doutorando - Université Paris Nanterre



Foto: Escritor Daniel Munduruku

Quais as principais descobertas e reflexões trazidas a partir deste primeiro módulo?

O primeiro módulo mostra que a literatura indígena teve um novo direcionamento formal e teórico da segunda metade do século XX, com a ampla circulação das teorias críticas pós-modernas e pós-coloniais. Isso contribuiu para uma retomada de temas indígenas como temas de

estudo nos estudos culturais e literários. Essa retomada estimulou um reexame dos pressupostos românticos e modernistas também em relação ao ameríndio e proporcionou o surgimento paralelo de uma literatura indigenista de alta qualidade que revisita a literatura colonial e a literatura brasileira em geral. (PRATI DOS SANTOS, 2018: 2) O primeiro módulo mostra também que, com isso, houve o desencadeamento de uma crítica dos estereótipos vigentes na cultura euro-americana e uma significativa expansão de obras de autores indígenas como sujeitos de sua própria representação.

Um exemplo de autor dessa geração bastante evidenciado no primeiro módulo é Daniel Munduruku, premiadíssimo autor que já publicou mais de cinquenta obras e quatro línguas. Em entrevista disponibilizada na ementa do módulo (“Povos Indígenas”, 2015), segundo Daniel, um dos principais motivos de escrita é que a história contada pelos vencedores quase nunca menciona a manipulação que foi engendrada contra os povos indígenas. Não conta que usaram as diferenças culturais para destruir a alma desses povos; “não conta a estratégia

¹ Texto produzido no âmbito do curso “Olhares sobre a História, Arte, Cultura e Resistência a partir da Literatura Indígena”, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

utilizada para silenciar grupos inteiros que eram vitimados por doenças contraídas pelo uso de roupas contaminadas; nada diz sobre alimentos contaminados ou rios envenenados. Nos raros livros em que isso aparece, conta-se como superioridade, como esperteza” (MUNDURUKU, 2008 s/n).

O primeiro módulo também se aprofunda sobre as particularidades antropológicas do povo Munduruku, como a cosmologia, seus processos de automedicina xamanística (SCOPEL et al., 2012) e suas dinâmicas de parentesco. Estes elementos são importantes para que se possa compreender o funcionamento da maior parte das obras de Daniel Munduruku, pois contextualiza o universo de referência em que o autor pretende relacionar e que não consta nos discursos oficiais.

Com essa primeira parte do programa, o primeiro módulo abre mundos novos que se descolam dos “clichês perpetuados pelo ciclo colonial e pela literatura romântica em relação à cultura e a literatura indígenas no Brasil, bem melhor incorporadas e mais desenvolvidas em outros países das Américas.” (PRATI DOS SANTOS, 2018)

Qual é a importância de se apresentar e discutir a literatura indígena na sala de aula?

Apresentar e discutir a literatura indígena na escola ajuda a mostrar outras versões da história, a partir de outras relações entre o homem e a natureza. Assim, aos alunos não é apresentada uma história baseada em relações de conquista, predação e progresso como acumulação de capital, mas histórias de povos que prezam pela visão ecológica, segundo a qual não há hierarquia entre os seres no universo, o que não coloca o homem em uma posição superior em relação à natureza.

Além disso, segundo Daniel Munduruku, “a escola brasileira ainda reproduz uma visão meticulosamente construída pelos colonizadores no século 16, responsável pelo preconceito contra os índios, o que justifica o engajamento político da literatura indígena no Brasil”. O índio urbano está presente em 80% dos municípios brasileiros e a missão educadora da obra de Daniel Munduruku nos oferece uma contribuição importante para subverter os resquícios de romantismo sobre os povos nativos que ainda prevalecem em nossa cultura e demonstram o quão colonial ainda é nossa visão da interracialidade brasileira, onde para a maioria dos brasileiros, índio é aquele que ainda vive na selva uma vida pré-cabraliana. (PRATI DOS SANTOS, 2018: 9)

Assim, discutir a literatura indígena na escola ajuda a conhecer os conflitos resultantes do hibridismo cultural, em uma sociedade marcada pelo preconceito em relação aos indígenas. Essa discussão serve para relativizar concepções essencialistas sobre as identidades, mostrando que não existe nem identidade essencial de “homem branco”, nem de indígena, como mostram os relatos oficiais e os manuais escolares. As identidades são negociadas em sociedades cada vez mais complexas. Assim, os alunos podem compreender melhor o significado a defesa de identidades indígenas dentro de processos de representação política como a defesa de comunidades compostas de

identidades híbridas e plurideterminadas. (BAMINGER OLIVEIRA; DIAS DA SILVA LAVERDE; CARBONIERI, 2018)

Além de levar as crianças e jovens ao aprimoramento de competências leitoras da palavra, o contato com a literatura indígena pode capacitar este público a ler outras modalidades discursivas (THIÉL, 2013). Nesse sentido, a escrita indígena também permite mostrar aos alunos a importância do papel da memória oral na construção da identidade e na afirmação da autoestima. Com isso, a oralidade pode ser pensada como técnica em si, e não definida em relação à escrita. É importante que os alunos compreendam que, enquanto a literatura escrita se perpetua enquanto tradição literária apenas em referência a textos escritos, a literatura oral indígena, mesmo quando escrita, é feita tendo como referências de tradição a voz viva e a memória oral. Há com isso a possível valorização da literatura oral indígena em suas especificidades.

Enfim, um grande benefício de se trabalhar a literatura indígena é a possibilidade de habituar a criança ou do jovem desde cedo ao multiculturalismo, estimulando o sentido de identidade grupal, “seu próprio senso de vínculo, de pertencimento [...]”. (THIÉL, 2013, p.13)

Referências

OLIVEIRA, V.; LAVERDE, S.; CARBONIERI, D. Autodescolonização e hibridismo em Meu Avô Apolinário : um mergulho no rio da (minha) memória de Daniel Munduruku. **Revista Igarapé**, v. 11, n. 1, 2018.

PRATI DOS SANTOS, E. A autoinclusão da literatura indígena contemporânea no cânone brasileiro: uma herança cultural a ser reconhecida. **Literatura em Debate**, v. 12, n. 22, p. 107–121, 2018.

SCOPEL, D. et al. Cosmologia e Intermedicalidade: o campo religioso e a autoatenção às enfermidades entre os índios Munduruku do Amazonas, Brasil. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 6, n. 1, p. pag. 173-190, 30 mar. 2012.

THIÉL, J. C. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 4, p. 1175–1189, 2013.

Recursos audiovisuais:

Documentário **Povos Indígenas**, 2015.